

ALI SMITH

Hotel Mundo

Tradução

Caetano W. Galindo



Copyright © 2001 by Ali Smith

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A presente edição contou com subsídio do Scottish Arts Council.



Título original
Hotel World

Capa
warrakloureiro

Foto de capa

Preparação
Carlos Alberto Bárbaro

Revisão
Ana Luiza Couto
Veridiana Maenaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Smith, Ali
Hotel Mundo / Ali Smith ; tradução Caetano W. Galindo.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Hotel World.
ISBN 978-85-359-1580-8

1. Ficção inglesa I. Título.

09-11437

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PASSADO

Uuuuuuu-

- huuuuu que queda que voo que salto que tomo nas trevas na luz que mergulho que lufada baque impacto que altura que loucura que manobra que pavor e que gaita sem foles sem fôlego que estrondo estrago estralo quebrada e rasgada que coração na minha boca que fim.

Que vida.

Que tempo.

O que eu senti. Ali. Foi.

A história é esta; começa pelo fim. Era o auge do verão quando eu caí; as folhas estavam nas árvores. Agora é o rigor do inverno (as folhas caíram já faz tempo) e é só isso, a minha última noite, e hoje à noite o que eu queria mais que qualquer coisa no mundo era ter uma pedrinha dentro do sapato. Estar andando na calçada aqui na frente do hotel e sentir uma pedrinha chocalhando no meu sapato quando eu ando, uma pedrinha pequena e pontuda, para ela pinicar partes diferentes da sola e machucar só o bastante para ser um prazer, que nem

se coçar. Imaginar um lugar que está coçando. Imaginar um pé, e uma calçada embaixo dele, e uma pedra, e apertar a pedra com todo o peso do meu corpo contra a pele da sola, ou contra os ossos dos dedos maiores, ou dos menores, ou a curva interna do pé, ou o calcanhar, ou a bolinha de músculo que mantém o corpo de pé, equilibrado e se movendo pela superfície rígida, imóvel, do mundo. De tirar o fôlego.

Porque agora que se pode dizer que o meu fôlego foi tirado eu sinto falta desses detalhes incômodos o tempo todo. Só quero saber dessas coisas. Fico me preocupando sem parar com detalhes que nunca teriam chamado a minha atenção, nem por um só momento, quando ainda estava viva. Por exemplo, só pela paz de espírito, a minha queda. Eu gostaria muitíssimo de saber quanto tempo levou, quanto exatamente, e faria de novo imediatamente se tivesse uma chance, a dádiva de uma oportunidade, a oportunidade de um minuto íntegra, sessenta segundos inteirinhos, tantos. Eu faria se tivesse só uma fração desse tempo com todo o peso do meu corpo de novo se pudesse (e dessa vez eu ia me jogar de propósito uuuuuuu -

- huuuu dessa vez eu ia contar no caminho, um elefante dois elef-ahh) se eu pudesse sentir de novo, como bati no chão, do porão, vinda de quatro andares de altura, dos pés à cabeça, morta à beça. Perna morta. Braço morto. Mão morta. Olho morto. Eu morta, quatro andares entre mim e o mundo, foi só isso que precisou para me levar, foi a medida, a dimensão e a morte, a curta desped-.

Uns andares bem altos e espaçosos, uns andares de qualidade. Ninguém poderia negar que a minha saída de cena foi de primeira classe; os quartos tinindo de novos e elegantemente mobiliados com camas boas firmes e caras e tetos altos ornamentados com cornijas no primeiro e no segundo, e uma larga escadaria imponente por trás da paralela

à qual eu caí. Vinte e um degraus entre cada andar e dezesseis até o porão; caí tudo isso. Uma distância bem considerável entre cada carpete grosso de cima e cada carpete grosso abaixo, apesar de que o porão é de pedra (eu lembro, dura) e o tombo foi curto, menos de um completo e glorioso segundo por andar eu estimo agora tão depois do acontecido, descida, fim. Foi bacana. A queda. A sensação. A pancada sem igual; o voo até o amargo fim, o trajeto inteiro até beija a poeira.

Um bocado de pó seria legal. Dava para pegar quando você quisesse, não?, na hora que desse vontade, dos cantinhos dos quartos, de embaixo das camas, de cima das portas. Os cabelos enrolados e as coisas secas e os fragmentos de o-que-um-dia-foi-pele, todos os glamorosos dejetos de criaturas de fôlego moídas até restar só sua essência e coladas de novo com restos de teias usadas e flocos de uma mariposa, as escamas translúcidas da asa desmantelada de uma varejeira. Seria fácil (pois você consegue fazer uma coisa dessas quando quiser, se quiser) você cobrir a mão de pó, enrolar um nadinha de pó entre um dedo e o polegar e ver ele formar um carimbo da tua digital, tua, única, de mais ninguém. E daí você podia limpar com uma lambida; eu podia limpar com a minha língua, se tivesse língua de novo, se a minha língua fosse molhada, e eu pudesse sentir o gosto de verdade. Sujeira linda, cinza e *vintage*, o encardido da vida, grudando no céu ósseo de uma boca e sabendo a quase nada, o que é sempre melhor que nada.

Eu daria qualquer coisa para sentir um gosto. Poder provar só pó.

Porque agora que eu quase fui embora, eu estou mais aqui do estava antes. Agora que eu sou só ar, eu só quero respirar. Agora que estou quieta para sempre, rarrá, são só palavras palavras palavras comigo. Agora que eu não posso simplesmente esticar a mão e tocar as coisas, é só o que eu quero, isso.

Foi assim que acabou. Eu entrei no, no. O elevador de pratos, uma cabininha bem pequena pendurada no alto de um poço cheio de nada, eu esqueci a palavra, ele tem um nome só seu. As paredes, o teto e o chão eram todos de um metal cor-de-prata. A gente estava no último andar, o terceiro; era o alojamento dos criados duzentos anos atrás, quando a casa tinha criados, e depois a casa foi um bordel e era lá em cima que punham as meninas baratas, as mais doentes ou as que estavam envelhecendo mais, para vender o que tinham para vender, e agora que ela é um hotel e que cada quarto custa dinheiro toda noite os quartos menores ainda custam um pouco menos porque o teto fica mais perto de tocar o chão ali no alto da casa. Eu tirei os pratos e larguei no carpete. Tomei cuidado para não derramar nada. Era só a minha segunda noite. Eu estava sendo boazinha. Subi, para provar que conseguia; eu me enrolei que nem um caracol na concha, o pescoço e a nuca dobrados para dentro, bem apertados contra o teto de metal, rosto entre os braços, peito entre as coxas. Fiz um círculo perfeito e o quarto balançou, a corda rompeu, a cabine caiu uuuu-

- huuuuuu e quebrou no chão, quebrada eu também. O teto desceu, o chão subiu para me encontrar. As minhas costas quebraram, o meu pescoço quebrou, o meu rosto quebrou, a minha cabeça quebrou. A gaiola em volta do meu coração se quebrou e o meu coração saiu. Acho que era o coração. Ele se libertou do meu peito e se enfiou na minha boca. Foi assim que começou. Pela primeira vez (tarde demais) eu soube o gosto do meu coração.

Eu ando sentindo falta disso de ter um coração. Tenho saudade do barulhinho que ele fazia, de como ele conseguia mandar o calor para cá e para lá, de como ele conseguia me manter acordada. Eu vou de um quarto para o outro aqui e vejo

camas bagunçadas depois do amor e do sono, depois camas limpas e feitas, esperando de novo que corpos escorreguem para dentro delas; lençóis frescos dobrados, camas com a boca aberta dizendo *bem-vindo, anda, entra aqui, o sono está chegando*. As camas são tão tentadoras. Elas abrem a boca em todo o hotel toda noite para que os corpos se metam nelas uns com os outros ou sozinhos; todo mundo com o coração batendo, escorregando para dentro de espaços que outras pessoas deixaram vazios para elas, pessoas que foram sabe Deus para onde, que esquentaram esses mesmos espaços poucas horas antes.

Eu ando tentando lembrar como é que era, isso de dormir sabendo que você ia acordar. Eu ando monitorando eles de perto, esses corpos, e vendo o que o coração deles deixa eles fazerem. Tenho ficado olhando eles dormirem depois; eu já sentei na beirada de camas satisfeitas, de camas insatisfeitas, camas que roncam, que se apagam, camas com insônia, camas de pessoas que não sentiam a presença de alguém ali, ninguém no quarto, além delas.

Anda. O sono está chegando. As cores estão indo embora. Eu vi que o trânsito hoje estava descolorido, todo o inverno da rua desbotou, ficou por demais exposto ao vento e ao sol. Hoje até o sol estava descolorido, e o céu. Eu sei o que isso significa. Eu vi os lugares onde o verde costumava estar. Quase não vi vermelhos, e nada de azuis. Eu vou sentir saudade do vermelho. Vou sentir saudade do azul e do verde. Vou sentir saudade dos contornos de mulheres e homens. Saudade do cheiro dos meus pés no verão. Vou sentir saudade dos cheiros. Os meus pés. O verão. Os prédios e a disposição de suas janelas. A embalagem brilhante em volta das comidas. Moedinhas pequenas que não valem muito, o peso delas num bolso ou na mão. Vou sentir saudade de ouvir uma música

ou uma voz saindo do rádio. Ver fogueiras. Ver a grama. Ver os pássaros. As asas deles. Os redondinhos deles. As coisas que eles usam para enxergar. As coisas que a gente usa para enxergar, duas, espetadas em um rosto em cima de um nariz. A palavra foi embora. Estava na ponta da língua agorinha. Nos pássaros elas são pretas e parecem continhas. Nas pessoas são buraquinhos cercados de cor: azul, verde ou marrom. Às vezes podem ser cinza, cinza também é uma cor. Eu vou sentir saudade de ver. Vou sentir saudade da minha queda, que me destruiu, que me tornou uuuuuuu-

- huuuuu a pessoa que sou hoje. Que bosta, para sempre, pelos séculos dos séculos mundo-sem-fim com um fim afinal, amém. Eu ia ficar me jogando sem parar. Eu vou toda noite desde que caí no último verão (o meu último) lá para o último andar, e apesar de terem tirado o elevador, sabe Deus onde ele foi parar, removido por algo que lembra bom gosto (notória, uma tragédia, não mencionada, uma história-oculta, a minha morte um dia estava nos jornais, e no outro tinha evaporado, um hotel tem que ganhar a vida), o poço ainda está lá suspenso por trás da escadaria com sua promessa fatal desde lá o bem-no-alto até o embaixo, e eu me jogo dali e acabou, fico pairando no buraco, pouso no chão como neve desinteressante. Ou se eu me arremesso, faço o esforço especial de voar rápido para bater na pedra, atravesso direto como se a pedra fosse de água, ou eu fosse uma faca quente e a pedra fosse manteiga. Eu não consigo deixar marcas em nada. Não tenho mais o que quebrar em mim.

Imagine mergulhar na água, a água se rompendo em volta dos teus ombros para abrir espaço para você dentro dela. Imagine quente ou frio. Imagine manteiga fria desaparecendo em pão quente, dourado na parte de cima, sumindo. Tem uma palavra para pão quente. Eu sei. Sabia. Não, foi-se embora.

A história é esta. Quando eu bati no porão quem eu fuuuuhuuui se partiu, se apagou em cima de mim como o fogo se apaga no alto de uma chama. Eu fui ao enterro para ver que eu tinha sido. Foi meio triste. Era um dia frio de junho; as pessoas estavam de casaco. Na verdade é bem bonito o lugar em que enterraram ela. Passarinhos cantando nas árvores e o som do trânsito distante; eu conseguia ouvir todo o espectro dos sons naquele momento. Agora os pássaros estão distantes e quase não tem mais barulho de trânsito. Eu faço visitas bem frequentes. Agora é inverno. Puseram uma lápide com o nome e as datas dela e uma fotografia oval encimando tudo. Ainda não desbotou. Vai, com o tempo; pega o sol da tarde. Outras lápides também têm isso, o mesmo tipo de fotografia, e a chuva entra e com o movimento das estações em torno das lápides, esquentando e esfriando as pedras, a condensação vai e vem dentro do vidro em cima dos retratos. O menininho com o boné da escola, lá do outro lado do morrinho de grama; aquela velhinha, esposa adorada; aquele rapaz com o seu melhor terno, vinte e cinco anos fora de moda; todos ainda respirando por trás dos seus vidros. Espero que a nossa também faça isso de respirar. A dela.

Embaixo da terra, no frio, nos cheios cheiros fracos de barro e madeira e verniz molhado, estão acontecendo tantas coisas empolgantes com ela agora. Talvez as cócegas das bocas sinceras dos vermes; de tudo. Nós fomos uma menina, morremos jovens; o contrário de velhas, foi que nós morremos. Nós tínhamos um nome e dezenove primaveras; diz isso na pedra. Dela/minha. Ela/eu. Toc-toc. Quem é? Euuuuu-

-huuu. Euuuuu-

-huu quem? Euuuuu-huuu você mesma. Alguém cortou a fotografia dela para caber ali. Dá para ver o tremor de uma tesoura cuidadosa no contorno da cabeça dela. Uma cabeça

de menina, cabelo escuro até os ombros. Boca fechada e sorridente. Brilhantes e tímidas, as coisas com que ela enxergava. Um dia foram de um azul-esverdeado. A cabeça no oval de vidro é a mesma dos porta-retratos nos vários cômodos da casa, um no cômodo da frente, um no quarto dos pais, um no corredor. Eu escolhi as pessoas mais tristes e as segui para ver onde tínhamos morado. Elas me pareciam vagamente familiares. Sentaram na primeira fila na igreja. Eu não podia saber ao certo. Tinha que adivinhar. Achei que eram nossas, aquelas pessoas, e estava certa. Depois do enterro nós fomos para casa. A casa é pequena; não tem andar de cima, não tem de onde se cair direito. Uma cadeira naquela casa pega quase uma parede inteira. Um sofá e duas cadeiras enchem uma sala até mal ter espaço para as pernas das pessoas sentadas.

Um cachorro estava latindo para mim a duas casas dali. Um gato estremeceu ao me atravessar no lugar onde antes os tornozelos dela eram, esfregando-se no ar. Chegou mais gente do enterro e a casa ficou ainda menor. Eu fiquei olhando eles todos tomarem chá na falta de espaço em que ela morou. Fui até o quarto dela. Estava cheio de duas camas. Parei sobre uma cama. Voltei pela parede. Parei sobre os tristes. Parei sobre a televisão. Parei sobre o aspirador.

Eles comeram o salmão, a salada e os sanduichinhos e foram embora, apertando a mão do homem que estava na porta, o pai. Estavam aliviados por estar indo embora. O negrume se dispersou por sobre a cabeça de quase todos eles quando chegaram ao portão do jardim e ele se fechou atrás deles com um clique. Voltei para dentro da casa para examinar as pessoas abandonadas. Eram três. A mulher era a mais triste. Estava sentada em uma cadeira e as palavras caladas que cercavam a cabeça dela diziam: embora esta seja a minha casa onde eu morei por vinte e dois anos, e nela eu esteja cercada

pela família e por coisas familiares, eu não sei mais ao certo onde eu estou neste mundo. O homem fez chá e levou os pratos sujos. A tarde toda enquanto o chá era bebido ou ficava abandonado ele recolhia xícaras em uma bandeja e ia para a cozinha, enchia uma chaleira, fazia mais chá e voltava de novo com xícaras cheias. Na cozinha ele ficava parado, abria uma porta de armário, tirava nada do armário, fechava a porta de novo. A filha ainda-viva era uma menina, outra. Tinha uma fratura de raiva que começava bem onde acabava o cabelo amarelo, atravessava a testa e corria bem pelo meio do rosto dela, dividindo queixo, pescoço, peito, indo até o abdome onde se enroscava em um nó negro. Este nó mal conseguia manter unidas as duas metades dela. Ela ficava sentada abraçando os joelhos embaixo da foto emoldurada da menina que não era mais. Ali a gente estava de gravata, tímidas, segurando um troféu com o formato de um corpo nadando.

Ainda tinha um resto de salmão no prato. Eu estava imaginando que gosto teria. O homem veio, levou embora, jogou o resto em um saco plástico no quintal. Era um desperdício. Ele podia ter guardado. Eles podiam comer depois ou amanhã e o gosto ainda estaria bom, melhor ainda; eu queria que ele soubesse. Olhei triste para ele, depois tímida, aí ele me viu. Ele derrubou o saco plástico. Que farfalhou nas lajes de pedra rachada. A boca dele abriu. Nenhum som saiu (naquela época eu ainda ouvia perfeitamente). Acenei para ele com o meu troféu de natação. Ele ficou pálido. Ele sorriu. Balançou a cabeça e olhou através de mim, e aí de novo eu não era mais e ele jogou o salmão. Uma metade inteira de um lado de um peixe, e ia ser fácil tirar as espinhas, estava assado bem no ponto. Tinha um rosa lindo. Isso foi no último verão, o meu (súbito) último. Naquela época eu ainda conseguia ver todos os tipos de vermelhos.